

# CONTOS DE THUNDER A BIOGRAFIA

Por Luiz Thunderbird

Com Mauro Beting e Leandro Iamin

**GLOBOLIVROS**

18. De novo na MTV ou Corra, Thunder! Corra!
19. Sabotagem, eu quero que você se... top top top uh!
20. Rock 'n' roll
21. Voltas, revoltas e reviravoltas
22. Sei lá, mil bandas
23. Discos, cinema, pedaladas, coração despedaçado e a volta pra casa
24. A volta para os clipes
25. Comemorações
26. O fim é o começo do reinício
27. O sonho da Cultura
28. Ponto e vírgula

*Agradecimentos*

*Notas*

*Caderno de fotos*

*Créditos*

*Para a minha família incrível.  
E para a minha turma, que é rebelde e distinta.*

## HÁ HORA CERTA PARA TUDO (ATÉ PARA UMA BIOGRAFIA)

O primeiro aperto de mão que dei em Luiz Thunderbird foi em 2013. Um aspecto curioso de conhecer um sujeito como o Thunderbird daquele ano — famoso, célebre, mas depois do que podemos considerar o auge de sua carreira — foi notar que, embora o carisma iconoclasta dele estivesse intacto na cabeça, aquele corpo na sua frente não parecia envelopado, blindado, separado. Geralmente, nos casos menos bacanas, as estrelas quando estão na sua frente mais parecem não estar, talvez por culpa da maquiagem ou de alguma energia própria dos artistas. Os olhares mal se cruzam, sempre sem foco. Não foi assim na noite em que nos encontramos pela primeira vez. Depois de encerrada a biografia — este livro que você tem em mãos —, pude compreender melhor o motivo de, naquele primeiro encontro, Thunder ter me dirigido um olhar normal, de carteiro, de vendedor de apólices, de pessoa disposta ao comum, em pé de igualdade, sem mistificações ou carimbos imaginários e distintos no RG. Luiz Thunderbird, do rock e da loucura, é prosaico no “muito prazer”.

Quando falo em “auge da carreira” estou evidentemente assumindo um modelo de observação da vida alheia (e da

nossa também) baseado em uma quantificação bem discutível de números e — sobretudo — cifras: a audiência, que gera uma exposição atroz; e o dinheiro, que abre tantas portas. Para Thunder, um carro com dois aceleradores e nenhum pedal de freio. O bom coração era o muro lá na frente. Esse Thunderbird, da borbulhante MTV e da transição poderosa para uma TV Globo faminta, tão quisto e bem pago, um dos rostos mais descolados e manjados do Brasil, eu não conheci, só o acompanhava pela tela. No entanto conheci, durante a produção deste material, pessoas que o amam e testemunharam sua fase indócil e picante, que ajuda, vá lá, a gente a ter histórias que rendem manchetes e um bom livro, mas que não são sempre tão legais de vivenciar. Da solidão de uma estrela, o público pouco sabe.

O Thunderbird tomou pancadas e sofreu decepções. Quem pega uma biografia para ler não espera um personagem perfeito, à prova de falhas, e eu te garanto a mais transparente narração de momentos que na TV não dariam ibope. Ler a vida de alguém é também emular e experimentar o exercício da amizade, e nosso esforço aqui envolve a realização desse sentimento, ensaia uma aproximação em primeira pessoa. Diante deste biografado, é particularmente desafiador: sentir-se amigo de Luiz Thunderbird a partir de um livro só será possível se conseguirmos captar com exatidão sua espirituosidade e seu senso de humor peculiar — daí a importância de ele mesmo se sentar em frente ao notebook e digitar suas histórias. Thunder pensa rápido, fala rápido, imita vozes, ri fácil, usa a memória mais para lembrar detalhes

acessórios de histórias importantes que propriamente de seus desfechos. Um gênio destrambelhado com sotaque e dicção característicos, munido, depois de tempestades severas e dias quentes de sol até demais, de uma perene simplicidade nos olhos e no trato que desdizem até a lógica.

E a certeza dessa simplicidade eu tive depois de ter entrevistado a nona ou décima pessoa, um amigo ou parente do Thunderbird, para este livro. Todas essas vozes o descreveram com a mesma tinta. Sintetizaram nosso personagem com as mesmas características principais, sem que houvesse qualquer distinção substancial entre o relato de uma irmã, um patrão, um parceiro de banda ou uma companheira de trabalho. Isso não é pouco, e seria bastante aceitável que estivéssemos diante de um Thunderbird de perfis contrastantes de acordo com o ângulo de visão de cada depoente. Que nada: há uma coerência na essência generosa e carinhosa, astuta e desafiadora, idealista e teimosa do Thunder, que não só sustenta como dá forma a uma ideia jornalística de exatidão pautada na ciência de que, ora, se tantos depoimentos cruzados parecem dizer o mesmo sobre a mesma pessoa, devem ser verdade.

É verdade que Luiz Thunderbird chegou, hoje, a um momento da vida no qual fazer a própria biografia vale a pena. Tem a hora certa para tudo. Tirar uma onda, fazer odontologia, escolher o rock, tocar a fama, escolher a fortuna, errar pra cacete, perder batalhas, esperar, retomar, redescobrir sabores, se apaixonar por isso, essa, aquilo e aquilo outro (Thunder se apaixona com frequência por várias coisas!) até te convencer

de ficar apaixonado também. Enfim, há o momento certo até para uma biografia, e costuma ser quando podemos falar de nosso passado sem afetação, sem disfarces nem tentativas pírias de jogar detalhes pra debaixo do tapete. Rir de si, sorrir para os traumas, lidar com as páginas que deveriam ter outro final, mas precisam ser contadas como foram — e algumas histórias que Thunderbird viveu e aqui estão, de tão surreais que são, precisavam mesmo do depoimento de outras testemunhas. Estão aqui, pois.

O Thunderbird que eu aperto a mão para depois abraçar.

*Leandro Iamin,  
cujos textos para esta biografia  
estão sinalizados com a fita cassete;  
outubro de 2019*

## RAIOS, TROVÕES E RELÂMPAGOS

— Rapaz, você tem uma luz aqui. Isso é música. E ainda vai te fazer muito feliz!

O rapaz era Luiz Fernando Duarte. Quem disse isso apontando para a testa do pós-adolescente foi o homem de Olho d'Água Grande: Hermeto Pascoal. Ele viu algo que aquele calouro de odontologia ainda não queria enxergar. A vida não seria tratar de cáries e canais. Seria um barato tocar música. Ouvir música. Apresentar música. Consumir música. Abrir e fechar outros canais. *Cannabis*. Caraca!

A visão de Luiz estava sendo aberta quando, na primeira de uma longa lista de drogas ilícitas que experimentou, os olhos não se fecharam. BUM! A maconha que antes ele desaconselhava abriu portas, janelas, telhados, muros, casas, horizontes da percepção. Vidrou.

Viveu. Sobreviveu.

BUM! As músicas ganharam novas percepções. As capas saíram dos LPs. Os amigos, da moita. Do mato viveu novas ervas numa nova era. O que era para cortar o barato de um amigo, virou alimento e combustível para trocar o motor do consultório pelas ruas do ABC. Dos bares e do Baldão para os palcos do inferno e os porões internos.



MTV. TV Globo. *TV Zona*. Uma zorra. Crente nos Devotos, descrente de alguns colegas, acreditando nos amigos, montando bandas. Credo! Via-crúcis que a família abraçou quando o barco virou. Ao pó retornou e perdeu o que tinha e o que nem tinha, delirando num pesadelo. Inaugurou uma televisão e desligou os transmissores dela. Foi a cara global da juventude do tetra até chafurdar numa treta fantástica sem volta. Jogou a carreira platinada no nariz e aspirou o que nem tinha desejado.

Esta não é a obra do dentista que virou roqueiro que virou VJ que virou tudo. Aqui, o Thunderbird vai abrir a história sujeita a tempestades e potestades, pancadas, porradas e tormentas em um ponto isolado de trovões duplos, raios triplos e relâmpagos múltiplos de um cara qualquer que fez o que qualquer um queria fazer.

Não é um tratado de odontologia, um retrato do ABC, um álbum de rock brasileiro, um *best of* da TV nacional, um manual de cultura pop. É a vida de alguém que queria ser como você. De uma pessoa que quase perdeu tudo. Mas que se reencontrou porque nunca se perdeu por se achar mais que era. Também por isso marcou uma era. Um tempo bom que, quem sabe, volte. Porque ele está aí. Aqui. Livro aberto. Cheio de energia. Faiscando. Iluminando. Fazendo tremer as estruturas.

*Mauro Beting,  
cujos textos para esta biografia*

*estão no início de cada capítulo;*  
*setembro de 2019*

Quatro dias depois de o nosso herói chegar ao mundo, o cosmonauta Yuri Gagarin foi dar uma voltinha pelos céus. Para a alegria do bisavô comunista daquele futuro dentista, quem primeiro viu que a Terra era azul vinha do bloco soviético. O menino que adoraria aviões e viagens com a mente pelos ares entrando em órbita, já chegou ao mundo anunciando que ele era muito pequeno para as pretensões siderais.

A infância de Thunderbird foi a de uma criança comum, que adorava Beatles, Rolling Stones, Roberto Carlos, Tia Márcia do Zás-Trás, cafezinho de astronauta, televisão, Monareta e São Paulo FC.

## AS PRIMEIRAS NOTAS NO CAMBUCI

Foi no dia 8 de abril de 1961 que cheguei a este mundo. Àquela hora, madrugada outonal em São Paulo, devia fazer um friozinho adorável. Deve ser por isso que gosto tanto do frio. Também adoro o mês de abril. Aprendi a reconhecê-lo como um mês de felicidade e recompensa, ganhando presentes desde sempre. Alguns inesquecíveis!

Meu primeiro violão foi um desses presentes marcantes. Eu tinha seis anos e meu pai tomou a iniciativa de facilitar minhas experiências com o mundo da música. Um Di Giorgio Estudante Classic que guardo até hoje. Outros presentes também ficaram na memória, como um kit de bombeiros que, assim que desembalhado, ficou de canto. Não nasci pra combater o fogo, muito pelo contrário. Não vou ceder à tentação fácil de dizer que sou piromaníaco — se é que você está me entendendo.

Não são muitas as lembranças da infância, faz bastante tempo, mas algumas ainda estão comigo. Como quando meu pai nos levou ao Porto de Santos pra ver os navios da Marinha brasileira. Me lembro do meu avô, Alvaro Candeias Duarte, pai do meu pai, também Alvaro, que também deu o nome para o meu irmão mais velho, Alvaro Duarte Neto, que chamamos

de Netinho até hoje. “Tiro ao Álvaro”, do Adoniran Barbosa e Oswaldo Molles, não tem nada a ver com a escolha do nome. Mas é uma grande canção da minha terra.

Voltando ao passeio, lembro que visitamos o porta-aviões *Minas Gerais*, uns navios menores e um submarino, acho que o único que havia na frota nacional. Me recordo da primeira claustrofobia. Aquela nave é coisa pra loucos!

Meu avô paterno era um cara espirituoso, mas já avançava na idade. Ele costumava me levar até a varanda do seu apartamento e me mostrar como se atirava com espingarda de chumbo. Sim, amigos, lá de cima ele mirava numa árvore frutífera e acertava em cheio. Que loucura!

Esse predinho na rua Siqueira Campos abrigava boa parte da minha família do lado do meu pai. No primeiro andar, morávamos eu, meu irmão, minha mãe, Mirian, meu pai, Álvaro, e minha avó Maria, mãe da minha mãe, uma figura adorável, a melhor vó do mundo! Sei que todas as avós são adoráveis, a sua também deve ser, mas a minha era realmente a melhor vó do mundo. Ela era desquitada do meu avô Celso, uma figura ausente, que morava no interior de São Paulo. No segundo andar, moravam meu tio Juju (Joubert), tia Gessy e minha prima Matilde. No terceiro, minha avó Chiquita, meu avô Alvaro, minhas tias Filhinha (Maria Antonieta) e Iracema. Uma grande família. De ascendência indígena, Iracema foi adotada pelos meus avós paternos quando criança, e era torcedora do São Paulo Futebol Clube. Aliás, todos da família do meu pai. Mas ela não conseguia ver os jogos pela TV, dizia que preferia ouvir as narrações pelo radinho de pilha. Eu

adorava a Iracema e acho que isso foi determinante pra me tornar são-paulino! Ninguém ligava muito pra futebol, mas ela era fanática pelo Gigante do Morumbi.

## Uma nota, maestro

As aulas de violão eram muito chatas. Violão clássico é trabalhoso e eu tinha apenas seis anos. Depois de um ano, pedi pra ter aulas de piano com a filha do seu Osmar, cantor de ópera que morava no térreo. O piano foi mais fácil para me desenvolver. Comecei com o livro infantil *Ciranda, cirandinha*, com o qual toda criança começa a aprender a tocar piano. Minha música preferida era “Dança do índio branco”. Eu pensava no compositor imaginando um índio dançando com uma música dessas. Completamente sem noção!

A música estava sempre presente no meu dia a dia. Meu pai comprou uma espetacular rádio-vitrola de “alta fidelidade”, expressão da época que dava status ao equipamento. Ela parecia pedir para tocar discos de Tommy Dorsey e Glenn Miller, e mais LPs de Bossa Rio, Som 3, Roberto Carlos, além da coleção de música clássica lançada pela Abril Cultural com peças de Rimsky-Korsakov, Felix Mendelssohn, Giuseppe Verdi e Johannes Brahms. Este último seria citado por um dos meus ídolos num futuro próximo: Rick Wakeman. Quando ouvi seu álbum mais bem-sucedido, *Journey to the Centre of the Earth*, reconheci o velho Brahms ali no meio da

parafernália progressiva. Mas o rock progressivo me pegaria anos mais tarde. Na infância, eu pirava nos festivais de música transmitidos pela TV com Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes, a “Disparada” de Vandrê na voz de Jair Rodrigues... Eu adorava assisti-los, pedia pra minha mãe me acordar pra ver essas feras ao vivo. O programa *Jovem Guarda*, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, também fazia sucesso lá em casa.



Um pai músico e musical. Que sempre ouviu mais jazz e blues, diferente do que o filho Luiz se habituaria a experimentar na vida adulta. Mas é impossível não considerar uma herança sonora, e também comportamental, na vida de quem, com o pai, aprendeu a tratar disco melhor que gente, como lembra a irmã de Thunder, Adriana: “Meu irmão sempre tratou LPs como joias. Se eu for parar pra pensar na lembrança de infância que tenho dele, sempre estará ligada à música, e o que ele e nosso pai mais tinham de assunto em comum era música, discos, shows”. E ciúme dos discos, o Thunder tinha? “Eu ouvia seus discos escondido, e guardava igualzinho ele deixava. Quando estudava no Objetivo, o Luiz tinha mesada para almoçar, mas deixava de comer só para comprar um LP. Isso dá uma dimensão da importância daquilo em sua vida.”

A primeira vez que fui ao cinema foi com o Neto, meu irmão, no Cine Lins, na avenida Lins de Vasconcelos, ali entre o Cambuci e o Ipiranga. Fomos assistir *Help!*, dos Beatles.

Essa banda não foi feita apenas para toda a humanidade, ela foi formada especialmente para mim, que desde criança curto o som deles! Tenho fases de beatlemania obsessiva, a ponto de montar uma banda pra tocar o repertório deles. Mas isso foi nos anos 2000. A gente chega lá.

A vizinhança era repleta de amigos. Tinha o seu Elói, que morava no mesmo andar do “nosso” prédio e trabalhava na fábrica de refrigerantes Antarctica. Ele conseguia uns ingressos promocionais pra gente ir ao Circo Orlando Orfei ou à apresentação dos ginastas dinamarqueses no Parque Ibirapuera. Feliz a cidade onde a família se reunia para ver ginastas da Dinamarca! O filho do seu Elói, o Paulinho, tinha a minha idade e foi meu primeiro melhor amigo.

## **Família — Papai, mamãe, vovô**

Iniciei meus estudos no Colégio Nossa Senhora da Glória, dos irmãos maristas. Foi ali que entrei na bandinha de fanfarra, relegado a uma percussão insípida. Lastimava sempre o fato de banda de fanfarra não ter violão nem piano. Depois entendi o porquê disso, claro! Mas uma criança sempre tem certeza de que pode tudo.

Lembro da alfaiataria do seu Martoni, na rua Independência, que fazia os ternos para o meu pai. Curioso que fiquei amigo do filho dele, Antonio Martoni, há poucos anos, em virtude das transmissões de rúgbi na ESPN. Ele é ex-



jogador do esporte e atualmente comentarista. Assisti uma vez a uma partida de rúgbi na ESPN e fiquei impressionado com a dinâmica do jogo, com o respeito entre os jogadores, o juiz, as regras. Passei a acompanhar os campeonatos pela TV. O Martoni acabou me convidando pra assistir a uma partida no Ibirapuera. Foi uma surpresa e uma coincidência muito legal quando ele revelou que nossos pais se conheciam desde os anos 1960. O Ari Aguiar, locutor da ESPN, grande amigo e parceiro, foi algumas vezes ao *Thunder Radio Show* — podcast que apresento na Central 3 — pra falar de ciclismo, e o convidei pra falar de rúgbi também.

Tinha um grupo de jovens que ensaiava com a banda numa casa em frente ao prédio, e aos sábados era muito bom ouvir o som que vazava dali. Eu já pensava que devia ser legal pacas ter uma banda de rock. Meu pai tocava baixo acústico e isso me encantava. Ali perto de casa, a banda dele se reunia à noite para os ensaios. Lembro que eu sempre ia e ficava vidrado naquilo tudo, naqueles instrumentos todos e na interação entre os músicos.

Em 1967, minha mãe e eu fomos ao show da banda do meu pai em que gravaram seu único disco, ao vivo, no auditório da Gazeta. Eles abriram o show da Elis Regina. Lembro bem desse dia, minha mãe estava grávida da minha irmã Adriana. De novo, eu era o filho presente nas ocasiões musicais do meu pai. Auditório lotado, Elis já era uma estrela, fiquei ali ao lado da minha mãe assistindo ao espetáculo. Tenho esse disco entre minhas grandes raridades.

Nesse mesmo ano, meu avô Alvaro faleceu. Ele não chegou a ouvir o disco do meu pai nem a conhecer a Adriana. Meu avô era uma figura ímpar. O pai dele também! Juntos, fizeram algumas edições de *O Homem do Povo*, jornal comunista de 1931, cujos redatores-fundadores eram Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, a Pagu. Meu bisavô, Antônio Candeias Duarte, assinava como Hélio Negro, e meu avô, como Alvaro Candeias Duarte. Meu bisavô era um anarquista no começo do século XX e se apaixonou pelos ideais comunistas. Foi um dos fundadores do primeiro Partido Comunista do Brasil. Preso algumas vezes também. O jornal teve oito edições e foi instrumento de provocação e discussão sobre a sociedade da Era da Máquina. Quando meu irmão, Alvaro Duarte Neto, nasceu, não colocaram em seu nome o “Candeias” do meu avô, por receio de perseguição política.

Lembro da noite em que a tia Filhinha anunciou que se casaria com Bergson Conte, cineasta e desenhista, cujo primeiro filme foi uma animação para um comercial de veneno pra ratos que passava na TV. Era um desenho bem ruim, mas faria sucesso nos dias de hoje (visionário?). Eu e meu pai subimos de elevador até o apartamento da minha avó Chiquita, onde tudo foi explicado para a família. Havia uma tensão no ar. Criança, não consegui entender por que todos estavam nervosos. Hoje, compreendo que tudo aconteceu muito rápido naquele ano.

## Valvulados

A TV brasileira dava seus passos em direção ao lugar de destaque na sala da família nacional. Quando nasci, já possuíamos uma TV Invictus valvulada com um tubo gigantesco, daqueles em que se dava uns tapas pra melhorar a recepção. O primeiro programa infantil, *Zás-Trás*, com a Tia Márcia e o Titio Molina, foi pioneiro no gênero “creche eletrônica”. Depois, viriam a Tia Giovanna na Tupi, nos anos 1970, a Xuxa, a Angélica, a Mara Maravilha nos anos 1980, a Eliana, todas bem distantes do visual e do *approach* da boa e velha Tia Márcia. No bom sentido, claro! Silvio Santos, Chacrinha, Hebe Camargo, o programa da *Jovem Guarda*... Lembro das cartas que os telespectadores enviavam, e o Erasmo Carlos soterrado nelas pra sortear algum prêmio. Uns 25 anos depois, eu faria o mesmo no *CEP MTV*.

As séries de TV norte-americanas já dominavam a audiência. Eram chamadas de “enlatados”, já que vinham de fora em grandes rolos: *Perdidos no espaço*, com o dr. Zachary Smith, o vilão, e seu bordão “Nada tema, com Smith não há problema”; *Terra de gigantes*, com Alexander Fitzhugh, o vilão. *National Kid*, com os Incas Venusianos, vilões também. Os vilões eram bizarros, mas bem dublados. Se reassisto a algum episódio dessas séries, não consigo abrir mão daqueles dubladores. Eles eram muito bons! A Hebe Camargo levou um dos atores de *Terra de gigantes* ao seu programa, Don Marshall,

que fazia o papel de copiloto da nave, Dan Erickson. O cara era o máximo!

Me recordo bem do burburinho em torno da chegada do homem à Lua, em 1969. Mas o que me marcou mesmo foi o “cafezinho de astronauta”, uma ideia bizarra de fazer comprimidos de açúcar e café, alegando aos consumidores que o produto era o café matinal dos astronautas... Um pequeno passo para a publicidade, um grande salto para a humanidade em direção ao consumismo febril.

## **Pra frente, Brasil**

A Copa do Mundo no México, em junho de 1970, me marcou bastante. O prédio enfeitado com bandeiras, todos indo pro nosso apê pra assistir aos jogos. Família, vizinhos e os rojões. Muitos rojões! Os adesivos nos carros com a inscrição “Brasil, ame-o ou deixe-o”, mensagem do governo da ditadura militar. Na época, eu, muito criança, com nem dez anos de idade, não me ligava nisso.

A turma cantava “Pra frente Brasil” e aquela papagaiada toda. Eu nem podia imaginar o momento difícil pelo qual o país passava. Hoje, imagino meu bisavô Antonio e meu avô Duarte naquele cenário. Provavelmente estavam torcendo pela União Soviética.

Ficou na memória o jogo Brasil e Inglaterra (1 × 0), o segundo da primeira fase. E, claro, a final contra a Itália: 4 × 1,

fora o show. Minha tia Filhinha acertou o resultado no bolão! Tive sorte não só por ter torcido pelo melhor Brasil de todos os tempos, mas por ter assistido e poder me recordar da primeira Copa transmitida ao vivo. Até 1966 era só pelo rádio. Pelé já era rei, assim como Wilson Simonal era a maior estrela da música brasileira.

Nossas férias de verão eram sempre em Frutal, Minas Gerais, a pouco mais de quinhentos quilômetros de São Paulo, onde a família da minha mãe morava. Lá estavam minha terceira avó — na verdade, tia-avó —, a vó Ida, o vô Lincoln (de quem herdei uma flauta transversal de ébano de sistema francês de chaves), minhas tias Therezinha, Luzia, Giselda e Aparecida.

Nosso vizinho mais ilustre era o pintor Alfredo Volpi, que morava por ali. Nos anos 1970, meu pai adquiriu um dos seus quadros (com as bandeirinhas), que guardo até hoje.

## **Os carros do meu pai**

Mas o lance do meu pai era com automóveis. Ele teve vários Simca, um Aero Willys 62 e uma Vemaguet, que ficou com ele por uma semana. Meu pai não suportou o motor dois tempos, que impregnava tudo e todos de cheiro de óleo, fora o barulho de máquina de fazer pipoca. Flavio Gomes, grande amigo e colecionador de DKWs, curte exatamente esse cheiro. Confesso que eu também! A oficina do João, numa travessa da avenida

Lins de Vasconcelos, era meu lugar preferido nos fins de semana. Os carros exigiam manutenção constante, e passei vários sábados naquela oficina. O avanço veio em 1969, quando meu pai comprou um Chrysler Regente do mesmo ano. Carrão que nos levou muitas vezes pra Frutal.

Éramos sócios do clube Sociedade Hispano Brasileiro, onde tentei dar minhas primeiras braçadas, e não consegui. Nadar não é muito comigo. Só fui aprender em 1980, numa escola em São Bernardo do Campo, com um professor holandês bem legal. Nadar é pro Ricardo Prado, Cesar Cielo. Nem quando comecei a treinar sério, em 1998, com Marcos Paulo Reis me orientando, consegui me desenvolver na piscina. Mas com ele aprendi a correr, e corri muito. Muitos quilômetros, que fique claro! Depois de vários anos correndo, fazendo provas da Corpore, meias maratonas e uma única maratona em Nova York, em 2001, resolvi começar a pedalar. Depois eu conto mais.

## **“I want to ride my bike”<sup>[1]</sup>**

Por falar em pedalar, voltando a 1969, a primeira bicicleta a gente não esquece. No meu caso, no Natal, eu e meu irmão ganhamos nossas biciletas monarcas, minha prima Matilde ganhou sua berlineta Caloi dobrável, e saímos pedalando no mesmo dia. A minha foi uma Monareta azul. Morram de inveja! Subi nela e, pra me tirar dali, tinham que me dar

bronca. Levou um tempo até entender como funcionam os freios e tal. No primeiro dia, tomei um tombo, rasguei feio a coxa direita, numas borboletas de plástico que prendiam a roda, coisa impensável nos dias de hoje. No dia seguinte, já estava pedalando de novo. Aquela bike me acompanhou até se desmanchar. Foram muitas aventuras em cima dela.

Eu pedalava na rua Oliveira Lima, mas não me arriscava na Independência. O bairro do Cambuci era residencial, no entanto havia o Hospital do Exército, a Motorit e a fábrica de lustres Lastri. O filho dos Lastri estudava no Nossa Senhora da Glória e era sócio do Clube Esperia. Ele foi o primeiro mauricinho que conheci. A família tinha uma Kombi vermelha pra nos levar pra escola e pro clube, mas essa fase não durou muito. Nunca me enturmei com aquela ganguezinha abastada. Eu queria mesmo era tocar violão, piano, pedalar cada vez mais rápido, brincar com o Paulinho, a Marlene, a Matilde, a Emery, filha do zelador do prédio. Montávamos uma cabaninha e ficávamos lá descobrindo nossas diferenças. Tudo muito inocentemente.

Tempos maravilhosos, inocentes. Mas, depois da Copa, embora amasse aquela vida e o Cambuci, foi o momento do “deixe-o”. Mudamos pra Rudge Ramos, bairro de São Bernardo do Campo. Foi um auê na família do meu pai, que considerou absurda a aventura de se mudar para o “interior” do estado, um ultraje. Tinha que pegar a rodovia Anchieta pra chegar em casa, portanto, estávamos nos afastando demais, na opinião deles. Mas era o único jeito dos meus pais atingirem o sonho da família brasileira de adquirir a casa própria. E lá fomos nós,

morar num bairro sem luz elétrica nas ruas nem asfalto, onde as pessoas falavam com sotaque e, ao mesmo tempo, onde eu podia pedalar com minha Monareta à vontade. Foi o que fiz e o que me aproximou dos vizinhos da minha idade.

Também foi em Rudge Ramos que iniciei minha carreira de goleiro, com latas no lugar das traves. Foi na Rua A, onde morávamos. Mas surgiria um problema sério no caminho. Tudo mudou muito! Inclusive a vida de grandes goleiros, então meninos como eu, como Taffarel, Zetti, Ronaldo, entre outros. O futebol brasileiro perderia um goleiro de seleção: os primeiros sintomas de um problema na região da panturrilha da minha perna esquerda surgiram nessa época. A princípio, nada traumático. Mas depois minha perna foi ficando inchada e eu não conseguia mais esticá-la.

Mas esse é um tópico setentista de minha história. Quando mencionarei a entrada em cena de nosso primeiro grande vilão da medicina. E vocês sabem como curto uma vilania. Em breve, vocês conhecerão o maléfico dr. Kopp.

Vocês não perdem por esperar.



A mudança para Rudge Ramos nos anos de chumbo mudou sua vida e escola. Filho de professora, tinha que driblar o bullying — a jato. Na velocidade supersônica do Concorde, que um dia ele tentou ver passar no pátio escolar. Não viu e nem ouviu. Mas passou a ouvir cada vez mais os supersons do mundo do rock, do jazz e da MPB.

Depois de ficar meses de cama por erro médico, quando pôde voltar a andar, o novo endereço escolar era na capital. No colégio Objetivo, na avenida Paulista, conheceu novos amores e sons que passaram como o Concorde. Rápidos. Mas deixando marcas por muito tempo. Como os primeiros tragos.

A década de 1970 chegou com tudo, e teve de tudo um pouco. Por vezes, um pouco além do que eu esperava. Reparei que o início de cada década me reservou grandes novidades, mudanças de rumo, surpresas.

Foi assim em 1970, quando nos mudamos para Rudge Ramos, bairro de São Bernardo do Campo, cidade do ABC Paulista. Berço da indústria automobilística, da metalurgia, dos movimentos sindicais que lutariam pela democracia nos anos seguintes.

Mas ainda era muito cedo para eu entender o que se passava no Brasil. Eu não tinha nem dez anos. Os anos de chumbo ainda pesavam sobre os ombros e lombos da nação. A coisa iria piorar no continente. Em breve, Chile, Argentina e Uruguai se alinhariam aos Estados Unidos no combate à “ameaça comunista”. Fui entender melhor a Operação Condor depois que assisti ao documentário de Lúcio de Castro, *Memórias do chumbo*, que fala sobre o futebol na ditadura. Lúcio de Castro é genial, né?

Quando chegamos à rua Rosa Rosalém Daré (ainda chamada rua A), número 23, não havia luz na rua nem asfalto. Estávamos cercados de terrenos baldios, que foram

rapidamente explorados com a ajuda da minha bicicleta, criando pequenas trilhas no meio do mato que futuramente abrigaria a Rudcar, concessionária da Volkswagen. Quando chegamos, o bairro estava em expansão. Tinha a Universidade Metodista, a padaria Yta Brasil, a Chouppana — casa de chope onde meu pai passou a fazer seu happy hour —, dois cinemas de bairro (um virou supermercado; o outro, igreja), o mercadão municipal, que está lá até hoje, o campo Meninos Futebol Clube, que virou uma simpática pracinha nipônica, a Companhia Telefônica da Borda do Campo, com cabines pra interurbano da velha CTBC, a biblioteca em frente à igreja matriz, onde eu matava minhas aulas de catecismo, os barzinhos da avenida Dr. Rudge Ramos... Num futuro próximo, o bairro inauguraria uma unidade do Grupo Sérgio de rodízio de pizzas, ícone gastronômico dos anos 1980. Esse empreendimento fez algum sucesso, mas foi passageiro. As pizzas eram horríveis, mas quem estava lá pra saborear? O lance era quebrar os próprios recordes de fatias consumidas. Passados alguns anos, o lugar tornou-se uma unidade promissora do Habib's, esse sim sucesso até hoje — não por acaso, negócio de um ex-gerente do Grupo Sérgio. Dica gastronômica: meu quitute preferido do Habib's é a esfiha de espinafre com queijo cremily. Nada árabe, portanto.

Comida árabe mesmo meu pai comprava num lugar ali no final da rua Vergueiro. Essa casa de especialidades árabes existe até hoje, ao lado de um posto de gasolina. Quando passo por ali, tenho vontade de entrar e me acabar nas iguarias. Gosto das cozinhas árabe, portuguesa, brasileira, francesa, mas

se tivesse que escolher apenas uma, seria a italiana, sem nenhuma dúvida!

## Susto

O ano de 1970 ainda daria um susto na família. Já estávamos instalados na nova casa, própria e financiada por vinte anos, e meu pai trabalhava numa revista médica chamada *Ars Curandi*. Progredia na vida, quando aconteceu o acidente. Ele voltava do escritório e encontraria os amigos no Hotel Binder, no centro de São Bernardo. A via Anchieta tinha uma marginal sem iluminação e, em frente à empresa Mazzaferro, havia um monte de terra, bem no meio da via. Meu pai, dirigindo, não conseguiu enxergar, por causa dos faróis dos carros no sentido contrário, e acertou em cheio o tal morro. Foi grave! Demorou bastante tempo pra se recuperar. Mas, graças à sua reputação de trabalhador, foi convidado pra trabalhar na Glaxo Wellcome, laboratório farmacêutico de propriedade da família real inglesa. Fez carreira ali, chegou a conhecer o príncipe Charles numa de suas visitas ao laboratório, e nos levava lá aos sábados, para brincarmos no campo de futebol e de golfe. Lembro de alguns colegas dele e do seu Claive Vidiz, o presidente da firma, que colecionava uísque escocês. Seu Claive participou do *Programa do Jô* como o maior colecionador dessa bebida no mundo, e vendeu sua coleção — de 3391 garrafas! — pra uma empresa escocesa. Lembro bem

dele, sempre breaco nas festas. Ele tinha uma secretária, Telma, que nos deu uma cadelinha pequinês de presente. Seu nome era Candy, e ela ficou com a gente durante muitos anos. Depois dela vieram Lelo, o vira-lata albino, e Dolly, a pastora-alemã. Os dois últimos tiveram aquele destino comum dos cachorros de família da época: foram para uma “fazenda”, onde correriam livres e felizes com os outros cachorros de lá. Sei...

Na Wellcome também tinha o seu Alvaro Valente, espanhol e melhor amigo do meu pai, que chamava as crianças de “mexerica”. Ele era uma grande figura, sempre bem-humorado, dos que ficaram próximos até a morte do meu pai, em 2001. Tinha o seu Maurício, que era vizinho da Elis Regina. Ele morava no Brooklin e a gente ia à casa dele aos domingos. Os filhos falavam orgulhosos que a Elis morava “ali, na casa ao lado”. Eu tinha aquele disco da Elis que tem “Amor até o fim” do Gilberto Gil, “Dois pra lá, dois pra cá”, do João Bosco e Aldir Blanc. Que álbum lindo! Daí ficava imaginando a Elis tomando uísque com guaraná, pra desespero do seu Claive Vidiz. Tinha o misterioso senhor Taibo, argentino que jogava golfe e me deu uma bolinha que guardei por muito tempo. Golfe é um esporte de elite. No Brasil, da elite mais sofisticada. A bolinha passou a ser um pequeno troféu. Inútil, obviamente!

## **Volta às aulas**

Com a mudança de endereço, meus estudos foram transferidos pra São João Clímaco, onde minha mãe era professora. Foi um tanto traumática essa mudança de ares. O Nossa Senhora da Glória era um colégio de classe média alta, gigante. A E.M. São João Clímaco ficava no bairro do mesmo nome, ao lado da favela de Heliópolis. Eu curtia o lugar, mas foi difícil fazer amigos. Minha professora, Nilce Salgado, era um saleiro: brava, cabelão, me colocou na penúltima fileira da sala. A escola era dirigida pelo João Bebum, agraciado pelo apelido graças ao seu passatempo predileto, o álcool.

Dos coleguinhos lembro muito pouco. Acho que a lembrança mais contundente foi de um trabalho pra Semana da Aviação que fiz com a ajuda do meu pai. Montei uma série de aviões da Revell, mostrando a evolução da aviação desde o *14-Bis* até os caças supersônicos. Santos Dumont não imaginava que seu projeto seria usado nas guerras? Não foi minha intenção dar essa perspectiva. O lance ficou realmente espetacular e o trabalho foi escolhido como o melhor de todas as escolas municipais. Ficou exposto na recém-inaugurada praça Roosevelt, no centro da capital, por meses. O prefeito era Paulo Maluf, veja bem! “Obra do Maluf!”

Filho de professora é o alvo preferido pra um bem-sucedido bullying. Não existia esse termo, mas essa opressão existe antes da escola. O inevitável confronto com Ben-Hur, um dos colegas de classe, aconteceu de forma inesperada. Eu era considerado o boy, filho da professora, que chegava de carro à escola. De uma hora pra outra, no recreio, como chamávamos na época, Ben-Hur veio pra cima de mim. Mas eu era melhor

de briga. O primeiro golpe, rapidamente desviado com minha agilidade ninja, fez com que o menino acertasse uma janela em vez da minha cara. Azar o dele! Depois ficamos amigos (mas não durou muito).

Em 1971, minha mãe se transferiu pra E.M. Jardim Maria Estela, e lá fui eu desbravar mais um território, ser provocado, fazer novos amigos, lidar com uma nova professora. Sim, dona Naduy também era brava. Mas foi com ela que finalmente me alfabetizei. Sério, só na quarta série do primário consegui lidar com o alfabeto inteiro. Mas foi nesse ano que montei meu primeiro trabalho musical. Os estudos de violão prosseguiam nos conservatórios Chopin (muito chato!) e André da Silva Gomes (muito divertido!). Eu passava do piano pro violão e vice-versa a cada ano.

Havia um colega na escola que também tocava violão e fizemos uma dupla, que se apresentou algumas vezes no miniauditório que dava pro pátio do recreio. Depois da última experiência escolar, receber aplausos e aprovação foi fundamental pra minha autoestima.

## **Concorde**

O avião supersônico francês Concorde voaria por São Paulo pela primeira vez. Toda a escola foi dispensada da aula pra vermos aquela maravilha no céu. Bons tempos! Ele pousou em Viracopos, então o único aeroporto internacional no estado, em

Campinas. Claro que não vimos nem ouvimos nada. Ele passou bem longe do Jardim Maria Estela, mas a desculpa que nos deram era de que o tempo estava encoberto. Aham! Seria ainda mais frustrante para um pequeno adolescente quando disseram que o cometa Halley passaria pela Terra, em 1986. Mas ninguém o viu. Disseram, e eu cantei! Compus uma marchinha de Carnaval pro evento astronômico. Isso foi com os Neocínicos, minha banda de 1986. Depois eu conto mais sobre isso.

Me formei no primário sem muito esforço. E chegou o momento de sair de perto da minha mãe. Nunca foi uma vantagem, é bom que se diga. “Filho da professora” é sempre visado pelos colegas e pelos outros professores. Nenhuma saudade de dona Naduy!

Finalmente, em 1972, entrei no Colégio Estadual Lauro Gomes de Almeida, o Celga, em Rudge Ramos. Tudo outra vez — escola nova, colegas novos, rotina nova... Mas até que a quinta série foi tranquilo. A professora Maria Alice dava aulas de gramática e francês. Ela se orgulhava da sua casa, que tinha cinco banheiros. Imaginem as piadas que se sucederam depois dessa revelação. Ela tinha um sotaque português, era exigente, mas sempre justa. Eu realmente aprendi as regras das duas línguas com ela. Pena que, quando estava na sétima série, o francês foi substituído pelo inglês. Não custava nada ter continuado com os dois idiomas até o fim. Mas me dei bem em ambas as matérias. O professor Valdrighi ministrava geografia, porém só sabia falar de hidrelétricas! O professor Benedicto Simões nos ensinava ciências. Ele devia ter uns



setenta anos. Lembro de aulas sobre pressão osmótica, mas especialmente de quando ele nos deu dois alertas. O primeiro era de que deveríamos mastigar bem o pão, pois a ptialina da saliva era a enzima que pré-digeria o amido.

Outra dica, que hoje me parece um tanto sem noção, foi afirmar que as bebidas destiladas deveriam ser ingeridas sempre com gelo no copo, pois assim seriam metabolizadas no duodeno, “sem que isso prejudique a mucosa estomacal”, explicava com a voz rouca, os olhinhos turvos tentando um brilho e tufos gigantescos de pelos saindo dos ouvidos.

Grande professor Benedicto Simões. Fazíamos questão de ressaltar a grafia e o chamávamos de “Benedíquito”.

Tinha a professora Guilhermina, que ministrava aula de música. Ela tocava violino, mas ninguém parecia interessado na matéria, embora ela também não se esforçasse pra fazer da aula algo interessante. Por mim, que já me interessava, tudo bem, mas ela não conseguia convencer a classe de que a música era importante e estávamos perdendo a oportunidade de conhecer essa arte. Putz! Lembrei da professora de artes industriais, fiz alguns trabalhos horríveis com ela. Uma carteira de couro, muito sofrível, e um clássico educacional dos anos 1970, e um maldito porta-retratos ridículo, também em couro. Que vergonha! Por que diabos um professor ensinaria os alunos a fazer um porta-retratos de couro?!

Tive um momento de inspiração quando entrei numa de fazer maquetes de prédios. Separava placas de eucatex (“obra do Maluf!”), ripas, serrava buracos pras janelas, montava pequenos edifícios, pintava. Acho que fiz uns dois predinhos.

Coisa de uma semana de trabalho árduo e detalhista. Ficaram bonitos. Foi um momento em que disse pra mim mesmo:

— Arquitetura, por que não?

O detalhe é que não tinha onde guardar os modelos, então ateei fogo neles. Lembram do kit de bombeiro que ganhei na infância? Pois é, na hora nem me veio à lembrança. Bronca forte da minha mãe e da minha avó Maria, uma doideira. Meu pai nem ficou sabendo, ainda bem!

## O primeiro vj

Eu tocava meu violão em casa e começava a conhecer o rock. Meu primo Nelsinho levava uns discos loucos pra gente ouvir. Ele me apresentou aquela escalação de craques: Pink Floyd, Led Zeppelin e Emerson, Lake & Palmer (ou ELP). Na televisão, eu ficava ligado em qualquer atração musical. Lembro do quadro do Big Boy – professor de geografia, que nas horas vagas trabalhava como divulgador musical, dono de um enorme acervo de discos – no *Jornal Hoje*, da TV Globo, na hora do almoço. E o primeiro programa de “quase” videocliques da TV: *Sábado Som*, apresentado na mesma emissora por Nelson Motta, o primeiro vj do Brasil. Disse isso a ele uma vez, na padaria Real, que ficava ao lado da MTV. Não pude deixar de notar que ele se sentiu orgulhoso de ouvir tal declaração de um vj da MTV.

Depois que a Globo tirou *Sábado Som* do ar, a TV Bandeirantes veio com *Concerto de Rock*, pelo qual conheci Sparks, Billy Preston, Eagles. Minha sede por música estava só começando.

Na educação física, a gente só tinha aula de handebol. Eu até curtia, mas na rua queria mesmo era jogar futebol, empinar pipas e andar de bicicleta. Futebol eu jogava no gol. Aos onze anos eu já tinha pés enormes pra idade, portanto, pouca habilidade com eles. As pipas eram fascinantes pra mim e o maior desafio era subi-las o mais alto possível. Quando alguém da turminha recolhia a pipa e ela estava úmida, era como um troféu. Mas a bicicleta era meu passatempo atlético preferido. Organizava corridas no fim de semana e era um dos melhores. Marcão, vizinho que morava a duas casas da minha, era meu maior adversário. Perdi algumas vezes pra ele, poucas.

Ter uma bicicleta exige manutenção. Sei disso faz tempo, por isso tenho o maior cuidado com minha bicicleta. Freios, cabos, câmbio, pneus, selim, tudo importante! Uso até capacete e luvas! Mas naqueles tempos eu era um tanto confiante de que nada de ruim aconteceria comigo.

Os cabos de freio sempre se rompiam por desgaste. Chegou um momento em que o freio dianteiro já estava fora de uso. Numa Monareta, tudo o que eu precisava era do freio traseiro. Mas qualquer cabo acaba arrebitando. Lembro como se fosse hoje, saí pro rolê e notei que o cabo estava por um fio. Mesmo assim, imprudente, fui dar uma volta pelo bairro. Morava numa descida bem íngreme e, na volta, descí minha rua pra chegar em casa. Já no fim do declive, quando

acionei o freio, o cabo arrebentou. Em segundos, avalei as opções: cruzar a avenida lá embaixo e me esborrachar no muro, colocar o pé no aro dianteiro e travar a roda e quebrar o pé, me atirar da bicicleta e fazer um rolamento à la Bruce Lee ou saltar e tentar correr o suficiente pra não cair. Claro que optei pela última alternativa. Foi um desastre! Rolei no asfalto, a bicicleta comigo, até parar no meio da rua. Mãos esfoladas? Um pouco. Cotovelos? Intactos! Joelhos? Pareciam dois vulcões expelindo sangue. Cambaleei até minha casa, arrastando a bike toda retorcida. Consegui abrir a porta e me sentei no sofá — acho que foi a maior dor que senti em toda a minha vida. O problema de ralar os joelhos é que tem que lavar e desinfetar e, na época, colocar mercurocromo — sofrimento que as novas gerações não têm a menor ideia do que seja. Talvez a maior evolução dos últimos dez anos na humanidade tenha sido a pomada que não arde pra esse tipo de ferimento.

Sofri tanto que passei duas semanas sem pedalar. Colocar calças compridas, nem pensar! Dormir era impossível. Eu acabava desmaiando de sono. Achei mesmo que iria morrer de dor. Você só tem uma certeza quando anda regularmente de bicicleta: de que em algum momento vai cair, se machucar, vai doer e você vai ter que lidar com isso. Sofri várias quedas, mas nada grave, a pior foi aquela do primeiro dia, e depois esse episódio em que fiquei sem freio, mas depois virei um bom ciclista.

Tínhamos outros passatempos também. Meu pai comprou uma mesa de bilhar, o que fez com que todos os vizinhos se

tornassem meus amigos e a casa ficasse lotada de moleques todas as tardes. Depois de tanto treinar, fiquei até bom nisso. Eu e meu irmão ganhamos um autorama, modelo da Estrela, pista oval, com dois carrinhos com a carroceria do Puma, o carro esporte mais cobiçado do Brasil de então, e que fez muito sucesso lá em casa. Um vizinho também tinha um autorama e a gente juntava as pistas e fazia circuitos que ocupavam a sala toda. Nessa época meu pai me ensinou a jogar xadrez. Percebi que estava aprendendo quando comecei a ganhar dele. Até ganhei o livro do Mequinho, famoso enxadrista brasileiro. Representei minha escola nas Olimpíadas Estudantis de xadrez, e foi assim que ganhei minhas primeiras medalhas, fui o campeão do colégio e fiquei em terceiro lugar entre as escolas do ABC nessas tais olimpíadas.

## **O maléfico dr. Kopp**

Do final de 1972 até meados de 1973 foi um período de muito sofrimento. Na escola ia tudo bem, mas com minha perna esquerda, tudo mal. Eu saía pra pedalar com meu vizinho Alvaro Codevilla Goffi, um menino uruguaio que tinha uma bike de competição. Eu não saía de cima daquela Monareta pra nada. Depois de um tempo, eu já tinha removido os paralamas, a garupa, tinha colocado pneus-balão, pintado a bicicleta de verde bianchi (sim, verde bianchi!), feito de tudo. Mas de um dia pro outro, minha panturrilha ficou inchada e

dolorida depois que eu voltei pra casa, e meus pais começaram a ficar preocupados. Não demorou pra minha mãe me levar ao Hospital do Servidor Público Estadual, ao lado do Ibirapuera.

Foi então que surgiu o maléfico dr. Kopp. Depois de várias consultas, juntas médicas, exames de contraste com infiltração, punções horríveis, meses imobilizado com gesso na cama, o tal dr. Kopp tomou a decisão de fazer uma biópsia exploratória. “Já que eu não sei o que o paciente tem, vou descobrir, fuçar, abrir, cortar e quem sabe entro pra história da medicina”, um típico raciocínio koppiano. Todos ficamos assustados com aquilo, e minha mãe me levou num centro espírita. Lá, a senhora que me atendeu disse que a cirurgia seria inútil. Que eu fizesse uns banhos de luz infravermelha e tudo ficaria bem. Não sei quanto aos banhos de luz, mas eu deveria mesmo ter ficado na minha. Tudo se resolveria sem muitos problemas. Mas a natureza científica familiar optou pelo dr. Maléfico. A primeira “experiência” foi imobilizar minha perna para que eu não pudesse andar de forma alguma. Foi colocado gesso na perna inteira, menos no calcanhar, portanto, era impossível que eu ficasse em pé. O gesso descia e machucava muito. Mais ou menos como se me acorrentassem e dissessem “Não se mexa por alguns meses”. Um pré-adolescente de onze anos vai ter dificuldade de lidar com isso, mas tudo pela medicina!

Não deu em nada e mandaram a faca em mim. Lembro com detalhes da cirurgia, pois o dr. Kopp escolheu uma anestesia raquidiana. Eu fiquei acordado, ouvindo o bate-papo informal entre ele e seus *blue caps*! O barulho dos

instrumentos, a claridade do centro cirúrgico, tudo foi horrível. A conversa girou em torno da loteria esportiva, derivando várias piadas que, pra mim, não faziam sentido. Estávamos numa mesa de cirurgia! Me lembro que o dr. Kopp pediu que a sutura tivesse exatos treze pontos, o número de jogos da loteria esportiva semanal. Não deu outra, nunca descobriram o que havia de errado comigo, os pontos abriram — eram necessários pelo menos trinta pontos naquela incisão gigantesca —, o corte infeccionou, o dr. Kopp se esquivou de fazer o pós-operatório e sumiu nas trevas. Monstro maligno, irresponsável, inconsequente. Nos dias de hoje teria sido processado, condenado e cassado pelo Conselho de Medicina. Maldito!

### ***Back from hell***

Apesar da ausência em boa parte das aulas no Celga em decorrência do misterioso caso da perna, consegui passar de ano. Mas, a partir disso, os atestados pra dispensa das aulas de educação física foram recorrentes até a faculdade.

No Celga, todas as classes se reuniam no pátio da escola pra hastear a bandeira nacional e cantar os quatro hinos: o Nacional, o da Proclamação da República, o da Independência e o da Bandeira. Decorei as letras, mas curtia mesmo o da República — musicalmente falando. Certa vez naquele ano, após esse ritual cívico, fomos todos levados pro anfiteatro para um pronunciamento da diretora, dona Terezinha. Ela nos

comunicou que o teto do anfiteatro estava ruindo e teríamos que nos transferir pra uma escola no bairro Nova Petrópolis, bem distante de Rudge Ramos. Durante os últimos seis meses de 1974, o colégio se reunia às sete da manhã no campo Meninos Futebol Clube, bem próximo da minha casa, pra pegar uma fileira de ônibus que a prefeitura disponibilizou pra nos levar e depois trazer de volta. Era divertido no começo, mas aquela mobilização toda não ajudava muito na hora de voltar à tarde pra casa.

Um dia, eu e uns colegas resolvemos voltar a pé. Sabe aventura de moleque tipo *Conta comigo*, o filme baseado no conto do Stephen King? Foi divertido, voltamos pela via Anchieta, alguns quilômetros de caminhada. E adivinha: Nenhum sinal de problemas com minha perna. Teria sido a tal cirurgia que me ajudou? Não, claro que não! Minha mãe só me contou a verdade vinte anos depois: o dr. Kopp não havia conseguido descobrir absolutamente nada sobre o que tive. Na época do Orkut, pensei em criar a comunidade “Vítimas do maléfico dr. Kopp”. *Good cop, bad kopp!*

## **Merci Discos**

A velha rádio-vitrola do meu pai deu sinais de cansaço e ganhei um toca-discos Garrard, um amplificador Gradiente Lab-75 e um par de caixas Polyvox. A partir de então, a mesada pro recreio era economizada para toda sexta-feira ir à



Merci Discos e comprar um long-play. Minha coleção aumentava a cada semana e mergulhei no rock progressivo. Yes, Gentle Giant, King Crimson, Genesis, Jethro Tull, Focus, ELP, Triumvirat, Renaissance, Rick Wakeman. Claro que o rock nacional também fazia a minha cabeça. Os Mutantes, O Terço, Casa das Máquinas, Joelho de Porco, Rita Lee & Tutti Frutti (os backing vocals da Lucinha Turnbull, o baixo do Lee Marcucci, a guitarra do Luiz Carlini...). A música nordestina chegava com tudo: Belchior, Ednardo, Alceu Valença. Tinha Walter Franco, Caetano Veloso — minha prima Verinha, filha do tio Nelson, me apresentou seus álbuns *Qualquer coisa* e *Joia* —, Gilberto Gil, Gal Costa.

Em 1975, na oitava série, já tinha uma turma estabilizada na escola. Valter Ceccato Rossi era meu melhor amigo e são-paulino. Mas a turma era grande. Nos reuníamos na casa do Humberto, palmeirense, pra campeonatos de futebol de botão. Valter me vendeu alguns times que fazia com lentes de relógio de pulso: os baianos Galícia e Itabuna, o America, do Rio, e Coritiba. Claro que tinha um time do São Paulo, mas o privilégio de ter esse era do irmão mais velho do Humberto, o Celso, que era como um mentor da turma. Ele estudava violoncelo e possuía todos os discos que eu tinha, só que os importados, muito caros. Eu tinha o *Think as a Brick* do Jethro Tull, mas do selo nacional. O dele era inglês, com a capa reproduzindo um jornal com várias páginas e as letras. O Flavio, irmão do Valter, tinha a coleção completa dos Beatles importada. E um exemplar da ópera rock *Tommy*, do The Who. Mas não ficava por aí. Ele tinha várias versões desse disco. A

de estúdio, a gravada pro filme com Elton John e Tina Turner, a versão com orquestra e coral, com a Filarmônica de Londres. Muito status, sem dúvida. Enquanto isso, meus estudos de violão estavam nas mãos da professora Elisabete, e eram muito agradáveis. Ela dava aulas particulares na casa dela e eu fazia de violão popular, que era o que eu queria aprender mesmo. Participava também de um coral com todos os alunos, umas 25 vozes. Os ensaios eram sensacionais e nos apresentávamos no final do ano no auditório da faculdade Metodista. Boas lembranças!

## **As melhores cabeças**

Panturrilha boa, dr. Kopp ruim: estava tudo bem, até que enfim, mas o destino sempre me jogava pra longe. Meu irmão havia se formado no ginásio e cursava o colegial no Objetivo, na avenida Paulista. E lá fui eu, em 1976, pro mesmo colégio.

Ele me contava que os colegas eram legais, tinha aulas em vários formatos e ele arranhou uma amiga, Andrea Drunk, que gravava os LPs em fita cassete pra mim. Devo muito a ela! Andrea soube que eu gostava de rock e se dispunha a gravar alguns discos que eu ainda não tinha. Kraftwerk, Genesis, Robin Trower, Yes — ela gravou *Yessongs*, álbum ao vivo da banda e *Relayer*, depois que Patrick Moraz assumiu os teclados no lugar de Rick Wakeman, que absurdo!

Precisei abandonar meus amigos do Rudge Ramos, mas no Objetivo a vida ficou muito louca. Imaginem que cheguei de um colégio estadual, em que era obrigatório o uso de uniforme, cantávamos os hinos nacionais, qualquer atividade fora do currículo era proibida, entre outras chatices.

No Objetivo, a aventura começava no táxi Corcel amarelo-ovo Standard 73 do Português, que por um preço módico levava eu, meu irmão, nossas vizinhas Maria Inês e a Márcia até a avenida Paulista, número 900, onde se localizava a principal unidade do Objetivo, no prédio da Fundação Cásper Líbero, a Gazeta. O tal Português morava em Rudge Ramos e trabalhava em São Paulo, portanto, era vantagem pra ele nos levar até lá às seis da manhã, éramos um dos primeiros alunos a chegar à escola. Era tudo novidade e quando cheguei pro primeiro dia de aula, sem uniforme, notei que minha classe, 1º M-7, tinha um ar de liberdade inacreditável. A gente se sentava onde quisesse, todos os alunos da minha classe tinham nome que começava com “L”, os professores mudavam de sala em sala, no intervalo alguns fumavam cigarro! Minha classe era de ciências biológicas, já que eu e meu irmão estávamos prometidos à medicina. Ainda no primeiro ano de colégio, mudei minha intenção pra odontologia. Meu pai tinha um amigo dentista gente fina, e a lembrança que tinha de medicina era do dr. Satânico, então não foi difícil tomar essa decisão.

De cara, formamos uma turminha. Eu era apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no bolso e vindo do interior. Sim, porque São Bernardo era considerado interior de São

Paulo! Carioca (apelido por motivos geográficos), Letícia, Ligia, os quatro alocados na mesma região da classe, éramos os mais próximos no primeiro ano. O Carioca era torcedor do Fluminense e gostava de rock. Nos tornamos bons amigos. Falando no Rio, nas férias do final daquele ano fui pra lá com minha avó, primeira vez que voei num Electra da Varig. Minha avó Maria sempre me levava pra Frutal, e dessa vez fomos pra casa da prima Assunta, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ao nos encontrarmos ali, Carioca me disse que voltaria a morar lá. Foi também no Rio que descobri o teatro. O marido da Assunta me levou a uma peça, uma comédia cheia de palavrões, que pra um adolescente, em tempos de censura, era o máximo.

## 1976

Foi um ano marcante — o dos meus quinze anos. Meu tio Nelson havia se separado da tia Vera e estava casado de novo. Tio Nelson era o mais legal de todos. Dirigia um Maverick azul V6, com tala larga e um explosivo toca-fitas TDK no console. Passava horas ouvindo minhas fitas naquele Maverick, descarregando a bateria do carro. Naquele ano, Rick Wakeman veio ao Brasil. Fiquei desesperado pra ir ao show, mas o ingresso era caro e eu era menor de idade. O show seria no Ginásio da Portuguesa, bem longe do ABC Paulista. Eu tinha todos os discos dele, sabia as letras de cor, até me interessei

por Jules Verne graças ao ex-tecladista do Yes, que usava uma capa cheia de lantejoulas e uma dezena de teclados no palco. Lembro que ele já havia sofrido dois ataques cardíacos e adorava futebol. Saiu uma foto dele na revista *Pop* jogando futebol no Rio de Janeiro.

Certo dia, meu tio Nelson chegou com dois ingressos do show. Sim, amiguinhos! Meu tio Nelson sacou minha euforia e me levou ao show no Ginásio da Portuguesa, no Canindé. A euforia foi gigantesca. Eu e meu tio naquele ginásio, Rick Wakeman com sua banda, a Orquestra Sinfônica de São Paulo, regida por Isaac Karabtchevsky, uau! Nem lembro quantos pontos ganhei com os colegas do Objetivo na segunda-feira seguinte, quando contei que tinha ido.

Foi aí que ganhei o primeiro olhar de Martinha...

## **Martinha**

Ela formava um trio com Leonora e Cristina. As três garotas mais lindas da classe, talvez do colégio todo, quem sabe do universo de um adolescente de quinze anos. Leonora era filha de russos, eu acho. Fatal, dominadora, cheia de personalidade. Cristina era o retrato de Rita Lee, sardas, americanoide, espirituosa, cheia de humor. Mas Martinha... linda, carinhosa, afetuosa, simpatíssima, perfeita. Meu primeiro amor colegial. Que nunca se concretizou, óbvio!

Explicando melhor: a esmagadora maioria dos meus colegas vinha de família muito rica. Era uma escola de gente muito bem de vida. Nunca fui nenhum Alain Delon, pelo contrário. Meus apelidos iam de Garibaldi, aquele passáro amarelo desengonçado de *Vila Sésamo* (obrigado, Leonora!), a Stan, de Stan Laurel, de *O Gordo e o Magro*. Eu sabia que não tinha a menor chance com Martinha. Mas sabe como são os adolescentes, nutrem um amor platônico por anos.

Em seis meses de aula, o 1º M-7 se tornou a classe mais selvagem do colégio. O pessoal era mesmo da pesada. A famosa e temida Turma do Barão integrava a sala. O mais temido era Canadá, um cara magro, hiperativo, que no primeiro ano venceu um torneio de boxe amador, tipo uma Forja de Campeões. Quem viu a luta relatou que Canadá parecia um mosquito perto do oponente, mas destroçou o sujeito em um assalto. Graças a Deus, Canadá tinha simpatia por mim. Portanto, a Turma do Barão nunca mexeria comigo. Lembro de uma professora substituta que chegou às lágrimas graças às provocações de Samy, um descendente de árabes muito folgado. Havia na classe dois chineses — naquela época, eles vinham ao Brasil pra estudar medicina. Eram disciplinados e inteligentes. Sempre ficavam em primeiro lugar nos vestibulares. Todos! Graças ao seriado *Kung Fu*, estrelado por David Carradine, todo chinês era shaolin por definição. Samy, que era capoeirista, não perdeu a oportunidade de chamar um deles pra briga. Portanto, aconteceu ali, no meio da aula, um confronto digno de UFC, ao vivo, entre cadeiras e alunos estupefatos. Já eu poderia, no máximo, ser o DJ do

espetáculo. Ainda bem que Samy, os chineses, todos eram muito amigáveis comigo. Portanto, estava no lugar certo: a pior classe do colégio!

No ano seguinte, 1977, o 2º M-7 foi transferido para as entranhas do prédio da Gazeta. A separação só aumentou o grau de selvageria. No intervalo, pude notar alguns colegas fumando algo diferente de um cigarro convencional. Nem fazia ideia do que se tratava, essa modalidade viria até mim só na faculdade. Mas havia um ritual naquela sala de aula: todos os alunos que chegavam davam uns chutes na parede que dava pra lateral do edifício. Em poucos meses, derrubamos a parede! Sim, pode imaginar uns tijolos, reboco, caindo do quarto andar do Edifício Gazeta? Pois aconteceu!

Meu irmão foi comigo ao show da banda Genesis, no Ginásio do Ibirapuera, nesse mesmo ano. Foi a primeira vez que vi raio laser na vida. Que espetáculo! Peter Gabriel havia deixado a banda e o ex-baterista Phil Collins tinha assumido os vocais. Nem por isso foi decepcionante. Logo antes do início do show encontrei a Cristina.

— Oi, você por aqui? — ela me perguntou, com seu sorriso maroto.

— Claro, adoro Genesis!

— Que legal! Bem, vou pro meu lugar.

— Cadê a Martinha? — perguntei, tentando controlar a ansiedade.

— Acho que está do outro lado do ginásio... — Cristina respondeu, seguido de um sorriso malicioso.

— Ah, claro! A gente se vê na escola.

Poxa vida! Eu ali, no show do Genesis, e a Martinha do outro lado do Ibirapuera! Quem liga pro Phil Collins? “*I know what I like, and I like what I know*”, ele cantava, enquanto eu desejava que ele olhasse pra Martinha e dedicasse aquela música pra ela em meu nome.

## Trago à primeira vista

Martinha sempre dava um jeito de ser mandada pra fora da aula pra poder fumar um cigarro. Depois que eu saquei isso, usei da mesma artimanha. Foi a primeira vez que um professor me expulsou da sala, mas foi por uma causa justa. Talvez tivesse dado bandeira, pois forcei a barra logo depois de ela ter saído dali. Lá fora, quando cheguei no corredor, estava Martinha acendendo um cigarro.

— Opa! Você também?

— É, tava de saco cheio!

— Quer um cigarro? Você fuma?

— Poxa, obrigado. Claro que eu fumo! — Nunca tinha experimentado!

Ela imediatamente sacou que eu não sabia o que estava fazendo e me ensinou a tragar.

A imagem de Martinha puxando a fumaça e me ensinando que eu deveria respirar pela boca pra tragar... Aquela boca...

Foi um trago à primeira vista! Que tragada! Que delícia! Obrigado, querida.



O que me deixou mais encantado em Martinha foi que ela não me julgou nem tirou uma com a minha cara. Simplesmente me ensinou a fumar. Fiquei tonto com a fumaça e com a atenção dela.

Ainda meio grogue, apelei pros meus trunfos culturais.

— Você curte rock, né? A Cristina me falou que você estava no show do Genesis.

— Sim, eu soube que você estava lá. — Obrigado, Cristina!

— Eu tenho uma coleção de discos de rock progressivo. A gente podia emprestar uns discos um pro outro, né? — propus meio com o coração na mão, pois meus discos eram meu tesouro particular. Só emprestaria pra ela.

— Boa! Vou te emprestar o *Tarkus*, do Emerson, Lake & Palmer. Conhece?

Não só conhecia como tinha o disco e sabia as músicas de cor. Mas não podia perder a oportunidade de prolongar o papo e retribuir a gentileza.

— Ah, esse eu não conheço. Te trago o disco do Renaissance. Conhece?

— Não... é legal?

— Acho que tem a sua cara!

A capa do álbum tinha a foto da vocalista, Annie Haslam, que lembrava um pouco a Martinha... Que tiro certo, hein?

— Amanhã te trago o *Tarkus*.

— Amanhã te trago meu coração! (Mentira, respondi que traria o tal disco).

Trouxe o vinil do Renaissance, trocamos os LPs, fiquei tenso de levar aquele objeto quebrável nos ônibus até São

Bernardo.

Explico. Saía do Objetivo, pegava um ônibus na avenida Brigadeiro Luís Antônio, descia na avenida Dom Pedro I, no Ipiranga, e pegava outro pra Rudge Ramos. Uma viagem de mais de uma hora. Naquela época, os ônibus eram demasiadamente selvagens. Eu curtia a viagem, ia refletindo muito sobre as coisas — o que voltei a fazer em 1998, quando comecei a correr no Ibirapuera. Não tem atividade física mais introspectiva que a corrida. É você, seus batimentos cardíacos, a respiração ritmada, a passada perfeita, a cabeça a mil.

No busão era parecido. Batimentos cardíacos acelerados por causa do motorista, a passada perfeita pelo corredor lotado, me espremendo entre os passageiros, a respiração ritmada ao som imaginário de “Are You Ready Eddy?” do disco que a Martinha tinha me emprestado, a cabeça a mil na Martinha.

*Are you ready, Luiz Fernando? Nunca!*

Quando chegava em casa, ia direto pro violão. Tocar umas músicas, tentar tirar outras, aprender alguma novidade com a revista *VIGU — Violão & Guitarra*. Foi com ela que aprendi a tocar e cantar “Long Distance Runaround”, do Yes. Era legal pensar que voltaria pro colégio no dia seguinte, não via como sacrifício. Ficava até tarde ouvindo meus discos nos fones de ouvido Agena, dormia, acordava, ia pra escola, encontrava os colegas, zoava um pouco.

## **O primeiro porre**

Um desses colegas do Objetivo, Leonel, um ano mais velho — ter um ano a mais era muita coisa pra gente —, engravidou a namorada e resolveu que iria se casar. Foi um burburinho total. Leonel era de Taubaté e havia um subgrupo dos interioranos formado por Sabiá, ou Luiz Gustavo, que era de Araras; Luís Carlos, o Caipira, de São João da Boa Vista; o Gordo, Luiz Fernando, como eu, de Bauru, ou alguma cidade do oeste paulista; Rondó, que era irmão do primeiro guitarrista do Itamar Assumpção; e eu, do ABC. Pois o tal subgrupo resolveu fazer uma despedida de solteiro pro Leonel.

Em determinada manhã, a turma dos interioranos matou aula após o intervalo. Fomos num barzinho ali ao lado, no prédio da Jovem Pan, na esquina da Paulista com a alameda Joaquim Eugênio de Lima. Sabe aquele do Cinema Gemini, que fechou em 2010? Foi ali que assisti a *Tubarão*, estupefato e, no final, a plateia aplaudiu quando o tubarão explodiu.

Imagine um pequeno grupo de jovens, com sotaque caipira, chegando naquele bar e pedindo caipirinhas de vodka. Foi uma festinha inesquecível. Ingeri álcool pela primeira vez na vida. Fiquei balão com apenas um copo. Nem tinha dinheiro pra beber mais. Bebadozinhos, nos despedimos e voltei de busão pra casa, breaco. Foi estranho. Não sei se curti muito a onda do álcool. Na verdade, tive certeza de que não era a minha onda. Tanto que só voltei a beber na faculdade, no Camelão, bar em frente da Metodista, muito em função da pressão dos colegas pra fazer parte da turma, em 1979.

O grupo do interior era o que levava com mais seriedade os estudos e a obrigação de entrar na faculdade direto, sem

precisar fazer mais um ano de cursinho. Ao contrário de todo o restante do 2º M-7. Para mim, ainda chegaria o momento de cursar o 3º ano do colégio pela manhã e o cursinho no período da tarde. Mas isso foi em 1978.

A música continuava forte, me ajudando nas horas difíceis. Não só o rock. Depois do Festival Abertura, da Globo, conheci alguns artistas que seriam importantes pra mim. Walter Franco, Jorge Mautner, Clementina de Jesus, Hermeto Pascoal me impressionaram muito. O mago Hermeto eu cheguei a conhecer, e ele profetizaria meu futuro. Mas eu conto isso mais pra frente.

O ano de 1977 foi passando e percebi que com aquela turma mais louquinha eu me divertia muito, mas não conseguiria entrar na faculdade nunca. Eu teria que tomar medidas drásticas. No ano seguinte, fomos transferidos para a unidade da Cincinato Braga, e ali a coisa ficou bem séria: ou eu entrava na faculdade direto ou teria que encarar um ano de cursinho, mas isso não era nem uma opção. Sabiá foi o primeiro a tomar uma atitude sensata. Pediu transferência pra outra sala. Leonel fez o contrário, largou os estudos. Eu já imaginava as dificuldades de se casar tão cedo.

Mesmo assim, antes disso, a gente se divertiu algumas vezes, como quando fomos ao jogo da seleção brasileira contra a seleção paulista no Morumbi. Casa lotada, mais de 100 mil pessoas assistiram ao embate. Era uma época em que o futebol moderno começava a dar as caras no Brasil. Seu precursor foi Cláudio Coutinho, oriundo do Flamengo. Ele tinha umas teorias loucas como o “ponto futuro” e o “overlapping”, que não

convenciam ninguém. E era uma seleção meio carioca demais para o nosso gosto. Criou-se uma rivalidade absurda, e o Morumbi inteiro torceu contra a seleção canarinho. O jogo terminou empatado em  $1 \times 1$ . Claro que, um ano depois, durante a Copa de 1978, eu torci muito pro Brasil. Aquele jogo com a Argentina que terminou empatado e em patadas contra os hermanos, aquela marmelada da Argentina com o Peru na partida seguinte (quando tudo foi arranjado para eles ganharem a Copa), tudo aquilo me deixou muito contrariado. Aquele Mundial ficou manchado pela ditadura militar argentina. E ninguém me tira da cabeça que as cartas estavam marcadas. Aliás, em Copas do Mundo, eu me transformo, viro um torcedor doente. Ultimamente até que tenho me comportado melhor, porque os sucessivos vexames de 2006, 2010, 2014 e 2018 funcionaram como uma vacina.

Aliás, nunca esquecerei o dia do  $7 \times 1$ , em 2014. Estava assistindo ao jogo na Central 3, onde gravo o *Thunder Radio Show* (falarei sobre ele mais pra frente aqui), com a turma de lá reunida. E eu entraria no ar logo após o jogo do Brasil. Bem, veio o  $7 \times 1$ , e esse é o único programa de que não me lembro de nada. Foi absolutamente horrível. Conversando recentemente com o Leandro Iamin, o fundador da Central 3 e que apresenta o *Thunder Radio Show* comigo, ele me disse que nunca teve coragem de assistir a esse podcast do fatídico dia de novo. Nem eu!

Mas de volta a 1977, os Sex Pistols lançavam *Never Mind the Bollocks*, e a nossa turma de caipiras ia ao Morumbi pra ver qualquer jogo. O Leonel era corintiano roxo e decidiu que

iríamos ver o time dele jogar contra um time que eu achava que fosse o Bangu, mas até hoje não sei qual era. Lá fui eu, são-paulino, no meio da arquibancada lotada de corintianos, assistir à derrota deles pros cariocas. E sabe da melhor? Foi tranquilo tirar um sarro no meio deles. Bons tempos, quando o futebol tinha bom humor e as torcidas se misturavam. E não é só isso. Era barato ir ao jogo de futebol.

## 1978

O terceiro ano do colegial foi muito atribulado. Mudamos todos pra Cincinato Braga, onde hoje funciona uma academia de ginástica. Pedi transferência pro 3º M-36. Acho que a turma do 1º M-7 ficou chateada com isso. Não encontrei mais o pessoal, *bye-bye* Martinha. O Português do táxi desapareceu, diziam que ele havia sido preso pelo Dops, mas isso nunca ficou muito claro. Ficou desaparecido por umas três semanas. Mas o Álvaro, colega de ginásio do meu irmão, entrou no Objetivo e a irmã mais nova dele também. Ele tinha um Chevette novinho, do ano, com toca-fitas, e passava em casa pra nos dar uma carona.

Os dois foram obrigados a ouvir muito rock progressivo naquele ano. Quando eu voltava pra casa, depois da uma da tarde, usava um ônibus fretado da Mitur. Mas isso foi por pouco tempo. Comecei a fazer o colégio de manhã e ficava pro cursinho à tarde. Com a mudança de turma, conheci outros

alunos. Cibele, Carmem, André Guedes Cassioli, Fabio das Neves, que chamávamos de “O Abominável Fabio das Neves”. Cibele era toda sedutora e achei que ia rolar alguma coisa pro meu lado. Ela morava no Jardim Europa, filha de um famoso veterinário. Ficamos amigos e comecei a ir à casa dela aos domingos. Ela queria companhia pra ir à missa. Que constrangimento! Na hora da hóstia eu me recusava a participar.

— Você não vai tomar a hóstia de novo? — ela me perguntava com voz angelical.

— Não, já tomei ontem em Rudge Ramos. — Era a minha desculpa recorrente.

Acontece que minha avó Maria, católica e muito religiosa, havia me matriculado no curso de catecismo quando eu tinha uns onze anos. Nunca fui às aulas e acabei sendo impedido de fazer a primeira comunhão. Nunca tomei hóstia na vida. E não seria ali, naquela igreja de grã-fino, que eu ia entrar nessa. Nem pela Cibele, muito obrigado.

Rapidamente percebi que seríamos apenas bons amigos.

Mas havia Carmem, morena lindíssima, uma versão interiorana da Martinha. Ela era de Andradina e morava com parentes no edifício financiado pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) da Vila Madalena. Nossa amizade foi se fortalecendo, assim como as minhas aspirações de pedi-la em casamento. Simples assim.

Em 1978, fomos juntos ao Festival Interno do Colégio Objetivo (Fico), no Ginásio do Ibirapuera. Foi muito louco, nós dois ali. Depois fiquei sabendo que a banda Metrô (“E no

balanço das horas tudo pode mudar...”, lembram?) fez uma de suas primeiras aparições nele, ainda como estudantes. De repente, houve um tumulto e Carmem sofreu um desmaio. Carreguei a donzela nos braços até a enfermaria, me sentindo um herói. Pensei “Agora vai!”. Não foi, e no balanço das horas nada mudou no nosso status de relacionamento. Tive que me contentar com mais um romance platônico. Anos mais tarde, já cursando odontologia na Metodista, recebi uma carta (isso ainda existia) dela me convidando pro seu casamento. Queria que eu fosse o padrinho. A vida tem dessas crueldades.

Por ficar no cursinho à tarde, acabei conhecendo, como já mencionei, o André Guedes Cassioli, que iria prestar vestibular pra medicina. Ele morava em Santo André e me dava carona de volta pra casa no seu Fusca cor de abóbora. Grande sujeito, foi dos poucos que continuei a encontrar depois que entrei na faculdade. Aliás, fizemos algumas viagens juntos pra prestar vestibulares, como na PUC de Campinas. Fomos no Fusca e ficamos hospedados num hotelzinho fuleiríssimo perto da rodoviária. Não passei na PUC, nem ele. Lembro que o tema da redação era sobre a Igreja e minhas convicções falaram tão alto no meu texto que seria impossível me aprovarem naquela universidade.

Eu gostava muito de alguns professores do Objetivo. Constantino, de citologia, era cheio de mnemotécnicas. Tinha uma versão de “Madalena”, conhecida na voz de Elis Regina, em que ele mudava a letra pra explicar a matéria assim: “O plasmalema, o meu estudo percebeu, que não há transporte ativo sem ajuda de ATP ê ê ê ê...”. Inacreditável, né? Tinha o



Clésio, professor de genética. Esse era completamente louco. Explicava as divisões celulares com a voz do narrador do desenho animado *Jambo e Ruivão*. Aquilo cativava a todos. Diziam que ele havia sido expulso da faculdade de medicina em que dava aula porque resolveu dar um trote nos calouros se fingindo de cadáver numa aula de anatomia. Folclore?

Tive aulas de história com Heródoto Barbeiro, que depois ficaria conhecido como um dos melhores apresentadores do programa *Roda Viva*, na TV Cultura. Ele era sensacional. Melhor aula de Revolução Francesa de todos os tempos. O professor Teixeira dava aula de literatura, mas ele ia muito além dos tópicos específicos de vestibular. Foi ele quem despertou em mim o fascínio pelos simbolistas e modernistas. Nunca esqueci o dia em que ele começou a recitar Cruz e Sousa na sala grande, chamada de vaticano, com microfone na mão, um olhar vidrado no infinito. Grande Teixeira!

Comecei a ampliar meus horizontes musicais. Conheci Frank Zappa graças a uma das amigas do Objetivo. Foi um passo pra me jogar mais para o jazz e a música instrumental, os artistas do selo Pablo Records, como Miles Davis, Mahavishnu Orchestra do John McLaughlin. Aliás, em 1978, aconteceu o primeiro São Paulo-Montreux Jazz Festival. Assisti a todas as apresentações na TV Cultura. E fui assistir ao vivo no último dia, quando se apresentaram a Mahavishnu Orchestra e uma banda que mudaria minha vida, no que diz respeito à música: Grupo Um. Fui ao show da tarde, sozinho. Começou com uma banda de pífanos espetacular, depois entrou a banda do John McLaughlin, que seria o auge do dia. Na sequência, entrou o

Grupo Um, com uns moleques da minha idade mandando brasa, acompanhando Marcio Montarroyos num trompete cheio de efeitos. Aquilo foi hipnótico. Zé Eduardo Nazario, baterista, e seu irmão mais novo, Lelo Nazario, alucinando no piano acústico. Eles começaram a tocar e não pararam mais. A plateia foi esvaziada pro show da noite e tive que ir embora pra São Bernardo. Cheguei em casa e coloquei na TV Cultura. Eles ainda estavam tocando sem parar e foram tirados do palco com a energia desligada de propósito. Lembro que houve confusão e sopapos. Eu nem imaginava que vinte anos depois ficaria amigo de Dom Ivo Barreto, o engenheiro de som que comandava a mesa de som desse festival. Dom Ivo conta que Claude Nobs, idealizador do festival de Montreux, estava presente nas duas edições, em 1978 e 1980. Grande Dom Ivo, do estúdio Áudio Patrulha, dirigido por Tico Terpins, do Joelho de Porco, e depois do estúdio A Voz do Brasil, onde eu viria a gravar meus discos com os Devotos de Nossa Senhora Aparecida nos anos 2000.

## **Vestibular**

Inscrições pra Fuvest, Metodista e Santo Amaro feitas e várias alternativas na Unesp, Santos e Bragança Paulista, onde meu irmão já cursava odontologia. Nem lembro quantos exames vestibulares eu fiz. Foi um verão intenso o de 1978 para 1979, mas eu estava bem preparado. O Objetivo é aquela escola que

te prepara pro vestibular, é bem específico. Eu tinha feito um curso de inglês intensivo que foi determinante pra ser aprovado em algumas dessas faculdades. A espera pelas listas de aprovação era muito desesperadora, não passar no vestibular seria um terror. Foi um longo e tenebroso verão. Mas tudo iria ficar bem (ou quase), na Universidade Metodista de Ensino Superior no curso de quatro anos de odontologia.

E a música? Sempre tentando me avisar que talvez esse não fosse o melhor caminho.



Nos tempos frenéticos da brilhantina e da discothèque no final dos anos 1970, cursinho para odonto era o beabá do rebelde pós-punk e pré-pó do ABC Paulista. Ele queria mesmo era montar sua Harley como se fosse o Easy Rider de Rudge Ramos, refazendo os caminhos de Anchieta antes de encher o Baldão.

O bicho entrou na faculdade, foi dar aula de violão, namorou, conheceu a Vanguarda Paulista da música e a PM do final da ditadura, experimentou o free jazz e deu de cara com o que ele não queria ver nem vestido de seda ou pintado de erva. Baseado nas novas experiências, o calouro virou veterano, abrindo as portas da percepção e do consultório ao doutor Luiz Fernando Duarte.